

AS  
ÚLTIMAS  
CARTAS  
DO  
AGOSTINHO...

Edição da Cooperativa de Animação Cultural de Alhos  
Vedros

Outubro de 1995

Organização de Luis dos Santos

## NOTA DE ABERTURA

Penso que as cartas escritas por Agostinho da Silva durante o ano de 1993 e enviadas para um grupo de pessoas com quem o Professor estava em contacto foi a melhor maneira que arranjou para nos deixar a síntese do seu pensamento. Aquilo que considerava deveras importante para a “ciência do ser” e do que ficou por fazer.

Estas cartas constituem, pois, antes de mais nada, um guia que nos levará à fonte de alguma sabedoria, desde que nos encontremos nelas. Foi isso que me aconteceu.

## INTRÓITO

“Meu caro amigo:

Do que você precisa, acima de tudo, é de se não lembrar do que eu lhe disse; nunca pense por mim, pense sempre por você; fique certo de que mais valem todos os erros se forem cometidos segundo o que pensou e decidiu do que todos os acertos se eles foram meus, não seus. Se o criador o tivesse querido juntar muito a mim não teríamos talvez dois corpos distintos ou duas cabeças também distintas. Os meus conselhos devem servir para que você se lhes oponha. É possível que depois da oposição venha a pensar o mesmo que eu; mas nessa altura já o pensamento lhe pertence. São meus discípulos, se alguns tenho, os que estão contra mim; porque esses guardaram no fundo da alma a força que verdadeiramente me anima e que mais desejaria transmitir-lhes: a de se não conformarem.” (SILVA, Agostinho, sete cartas a um jovem filósofo Lisboa: Ed.Ulmeiro).

## CARTA I

Resumo da ideologia do Povo Português nos séculos XIII e XIV, transmitida ao Brasil por seus adeptos que ali se foram acolher; passada ao futuro e, por ele, à criativa Eternidade para os que emigrem para o mais íntimo de si próprios e aí se firmem para sempre.

Missão de Portugal: Sacralizar o Universo, tornando Divina a Vida e Deus real.

Meios: Desenvolvimento dos Povos pela inteira aplicação da Ciência e da Técnica, inclusive nos sectores da Economia, da Política, da Administração Pública e da Filosofia. Conversão da pessoa à adoração da Vida.

Características do que houver no Sagrado: Criança como a melhor manifestação da poesia pura e como inspiradora e suporte, e incitadora a ser criança de todos os que existam. O gratuito da vida. A plena liberdade de todo o ser.

Dezembro de 92. Com toda a vontade de lhe ser fiel - Agostinho

Ode breve à Conceção  
o dia é oito o mês doze  
a vitória brilhará  
àquele que tímido ouse

a vida não principia  
ninguém sabe donde veio  
talvez seio dê o leite  
talvez leite crie o seio

vida e morte nunca estão  
vão somente perpassar

é-nos Deus o Cristo vivo  
Cristo nos revela Deus  
teu triunfo e meu sofrer  
tanto são meus como teus

tudo o que tem de sair  
sai sem vontade ou espinho  
como isto que foi ditado  
ao servidor Agostinho  
naquilo que nunca passa  
nem sabemos nomear

## CARTA II

Queridos Amigos

O imaginário Convento Sonho duns Irmãos Servidores me encarrega de vos comunicar que acaba de tomar posse de tudo quanto há e me designa como seu agente junto de vós para tudo que se refira a estas folhinhas dactilografadas, que serão sempre mensagem do Convento, assinadas ou não. Não terão periodicidade marcada, saindo quando calhe ou seja necessário para esta ou aquela tarefa. Ou por descargo de consciência.

São enviadas a tôdas as pessoas que já declararam por palavras ou feitos que desejam recebê-las ou o declarem daqui por diante. Por enquanto vão sem encargos para os destinatários, alguém os tomará sobre si, mas é possível que, daqui por mais uns tempos se tenha gôsto em mandar ou receber selos, papel, ou o que se aplique em material ou portes.

Também lembrou um Amigo que fica cada um inteiramente autorizado (e incitado ?) a enviar cópias das folhinhas a conhecidos seus; ou a inimigos, para os aborrecer com a leitura.

Por mim, e obedecendo inteiramente às ordens de meu Superior, fico também, e por completo, a vosso dispor, só não garantindo resposta a tôda a correspondência que possa receber, ou trabalhos para opinar (e aqui porque me não julgo competente).

Com os votos de tôda a possível acção vossa e de tôda a vossa capacidade de sonho, Agostinho

Lua Cheia de 8.1.93

Esta Ode Breve aos Reis  
que se afastavam dos povos  
a ver se um dia lavravam  
alguns decretos mais novos  
até agora era só  
o de mandar isto aquilo  
ansiosos de encontrar  
algum guia e de segui-lo  
e fartos já de cumprir  
o pesado verbo ter  
a ver quem os ajudava  
a conjugar o de ser  
por fim numa estrebaria  
viram um dia um menino  
que acompanhado duns bichos  
sorria de jeito fino  
para pastor que cantava  
para uma linda pastora  
que estava perto dum velho  
e junto de uma senhora  
ao mesmo tempo há silêncio  
que som algum jamais corta  
o ser e não ser se ligam  
(?) todos os transporta  
tão lento como os camelos  
em que soberanos montam  
para ir ao sítio nenhum  
em que as auroras despontam  
não sabem a certa altura  
se sonharam ou se viram  
mas o certo é que ao lugar  
donde vieram retiram  
e tudo contam sem fala  
a mundo que era maninho  
mostrando o que é ser não sendo  
ao servidor Agostinho

## CARTA III

Caros Amigos

Tem cada uma êste Convento! Calculem que decidiu, e estou pronto a obedecer, que as folhinhas dactilografadas são de inteira responsabilidade do Agostinho; que seria bom publicá-las em séries de dez em cada doze meses, a distribuir por tôdas as pessoas que enviem 500\$00 por série, ou o correspondente em moeda estrangeira, (e como é que o coitado do Agostinho, que não é de modas, se vai entender com isso de “écus”), ou directamente ao responsável ou à conta 7968218/001 da Agência do Príncipe Real, Lisboa 1200, do Banco Totta & Açores, exceptuando-se apenas os interessados que tenham de algum modo ajudado o Convento. Tudo isto deve entrar em vigor quando for publicada a Folhinha de Abril 93.

Quanto ao que se poderia chamar de Política, está o Convento pronto, como deve, a cumprir tudo o que caiba ao País dentro do direito nacional e internacional, com liberdade de exprimir opiniões em cada caso, assumindo, por outro lado, dois compromissos seus a que deseja incitar todos os Portugueses, sendo um o de educar a Europa Transpirenaica, outro o de que venha constituir-se como uma Confederação ou coisa parecida de tôdas as Nações de Língua Portuguesa, e não só as Africanas, sendo um dia Portugal seu representante na Europa Comunitária. Este projecto de entidade internacional inclui Timor enquanto existirem os desentendimentos ou conflitos actuais.

Querem também que eu anuncie que já comecei a desenhar um TERRAÇO Africano, chamado MONOMOTAPA, que inclui uma organização de base étnica em tudo o que se refere à costa ocidental sôbre o Atlântico, e, do lado do Índico, semelhante ao, digamos Império, que os Portugueses descobriram a partir do século XVI, depois de estabelecidos em Sofala. A África do Sul fica com regime repartido entre um e outro, pensando todos, dum litoral ao outro, que fique nítido que o ideal de futuro é o da cultura do Povo Português nos séculos XIII e XIV.

Lua Nova de 22.01.93

Ode breve ao Antoninho  
que havia no Santo António  
e namorava nas fontes  
sem dar entrada ao demónio

e que organizava orquestras  
feitas de gaitas de foles  
e tambor passo de marcha  
para animar os mais moles

arma então uns bailaricos  
de moços e raparigas  
não batiam castanholas  
aos males faziam figas

viveu um tempo em milagre  
dos mais belos o mais belo  
olhando a sua cidade  
das arribas do Castelo

mas só lhe foi o mais próprio  
Largo de Santo Antoninho  
onde morou há quanto ano  
seu servidor Agostinho

## CARTA IV

### Meus Amigos

Devo dizer-vos, com toda a franqueza possíveis, que, ao contrário do que às vezes se julga, nunca pensei nada de completo, de coerente e de algum futuro, senão depois de ter reencontrado, por Jaime Cortesão e António Quadros, o chamado Culto Popular do Espírito Santo ou Culto do Divino. O que, para mim, não exclui, e por isso empreguei o reencontrar, que tenha eu próprio andado no tal século XIII, e marítimo de Algarve, pastor do Alentejo, ou já aburguesado no Pôrto, envôlto com os outros na Festa do dia de Pentecostes em que sonhava o povo português sentir-se já num Paraíso a vir, e até num Paraíso mais seguro, porquanto sem tentações. Ou então a celebrar o Culto noutros tempos mais próximos, e noutros lugares, porque houve Brasil, com os que fugiam de Portugal, e houve América do Norte, com os emigrantes, o que me leva agora a desejar que tenha o Presidente Itamar, o tão de Minas Gerais, algum pensamento de lembrança, e, por muito diferente que seja a linguagem, sejam fieis ao mesmo anseio, os de uma Presidência Casada, Bill Clinton e Dona Hilária. Ou que mais longe, pelo menos em espaço, quem sabe se na China de Deng Xiaoping, se esteja avançando para a junção de duas faces, ambas visíveis e tocáveis, de um corpo perpetuamente misterioso, existente e inexistente, uma face de economia e uma face de teologia, místicas e talvez matematizáveis as duas, mas sempre com nítidos e gerais efeitos práticos. Pôsto isto assim, e acreditando num Universo sacralizável ou de que se descobriria o Sagrado, na possibilidade de uma vida gratuita, numa defesa e desenvolvimento contínuos do Poeta que nasce em cada Criança e numa desejável inteira liberdade de cada ser, o melhor é não o andarmos pregando, mas o pormos em prática. Como felizmente o posso fazer não ficarei com direitos de autor das Folhinhas, como não tenho ficado com os de outras publicações. São de todos os Amigos, as reproduzirão como queiram. Os tais quinhentos escudos serão só para o material e portes de quem as queira receber em casa. Sempre com muita pena de a correspondência ainda não ser gratuita. Mas, um dia, lá chegarão os CTT.

Lua Cheia de 8.3.93



## PÁGINA DAS ODES BREVES

Ode breve a Mestre Sócrates  
filósofo das esquinas  
enquanto os grandes senhores  
preferiam salas finas

era de família humilde  
e decerto obediente  
mais encarreirada à lógica  
que treinada em dar ao dente

guerreiro foi e gostando  
de muita espécie de luta  
e para subir ao céu  
fez escada da cicuta

o que viu como verdade  
sempre a todos ensinou  
mas por fim com suas manhas  
a política o matou

lá está lá estará  
sempre só mas não sozinho  
e livre de ordenar verso  
ao servidor Agostinho

## CARTA V

Caros Amigos

Somos mais ou menos uns setenta os que decidimos, tendo contribuído com os tais quinhentos escudos para as despesas de porte, trazer-vos hoje a primeira da série de dez Folhinhas a que tendes direito, assim iniciando renovar aquele ideário do Povo Português cuja Festa no dia em que se celebrava o Espírito Santo, isto é da Plenitude de Deus ou da Revelação de como é Divino o mundo, incluía, em Universo já sacralizado, a coroação de uma criança como Imperador ou Modelo Supremo, uma comida gratuita e a abertura, ou supressão da cadeia da terra. Como os da Festa foram todos expulsos, para a Guiné ou para o Brasil, aí pelos séculos XV e XVI, pensámos que já era tempo de regresso e de contínuo afirmar que um dia será a vida gratuita, que teremos em toda a criança um candidato a modelo de vida e que não haverá mais ninguém metido nas prisões, externas ou internas.

Nada será de um dia para o outro, mas iremos à nossa tarefa com toda a calma, experimentando, poucos como somos, tornarmo-nos um tanto contagiosos e reaver o tesouro que se perdeu, mas de que ainda há lembrança nos Açores e muita prática no Brasil, com o nome de Culto do Divino. Aceitaremos que nos tratem de loucos, mas lhes asseguraremos que será sempre com todo juízo que realizaremos a loucura. Doutras vezes vos diremos, com nossa reduzida força, como iniciar a supressão das cadeias, como poderemos guardar toda a vida a poesia com que nascemos, e saber como venerar, como adorar, e como cumprir, o Divino do Universo. Devemos ainda dizer-vos que levamos conosco todos os que já anteriormente nos ajudaram a que sempre fizéssemos as coisas de modo a que a experiência fôsse possível para todos. Talvez de quando em quando vos exporemos outras idéas. Porque afinal tudo isto é só uma tentativa de alicerce de império: Império de Servir.

Crescente do 4. de 93

Quadrinha de quando em quando

Pois é Império pioneiro  
Euro afro Brasileiro  
e, se houver tempo, talvez  
Nipo Sino Tailandês

Notinha:  
E Tailandês por amor  
de Malaca e de Timor

## CARTA VI

Amigos

Ao que me parece, encontra-se agora o mundo e, sobretudo, aquela Lusitânia de que é Portugal apenas uma pequena província das Europas, mas nelas essencial, num dos momentos mais importantes, mais agudos e mais interessantes que poderiam ser imaginados. Por um lado há o estrondear, a confusão do esborear-se daquele Império Romano que o cristianismo reassegurou depois dos ataques bárbaros e que ao globo foi em caravelas e naus, tôdas mais ou menos oriundas, em facto ou em inspiração, do pinheiral de Leiria, e que vinha, no fundamental, daquele tornar prática pública, no que se podia entender com maior facilidade, a teoria grega, no direito a partir da filosofia, na engenharia de pontes e calçadas a partir de Euclides, na geometria, mas não na física, que era errada, e na penetrante, universal lógica que deu, nas legiões, seu fruto mais perfeito. Ruina também do dealbar daquele Império do Espírito Santo ou do Divino, obra essencial da Rainha Isabel, que foi pena não ter navegado, como missionário, do XIV ao XVI, mas que, graças à expulsão de Portugal de tanto adepto seu, vai mesmo, geneticamente, navegar agora, com o empreendimento em que pensa o Brasil duma Comunidade de Povos de Língua Portuguesa, e seus crioulos, filhos, por seu turno, do crioulo que o Português foi do latim, tudo afinal neto do mais vasto Indo-Europeu. O que vai haver, sem velas, excepto as desportivas, mas por aeroportos e por Faxes, é a integração dum pensamento como o de Lao-tsu, se dele é, com o do que podem inventar os mais renitentes xiitas, que os há em todas as religiões e filosofias. O que houve no Portugal da Alta Idade Média, foi apenas um avisar de sol, logo obscurecido, depois de Aljubarrota, por estar no trono o Dom João das saudades de Londres, mas que vai subir com seu calmo e forte esplendor, todo fruto de fé, que significa confiança, e de crença, que tem que ver com o coração; pelo passado transferido ao futuro, portanto eterno; pelo reinado da criança e o sumir de tôdas as prisões, quer as que há dentro de nós quer as que pululam à nossa volta. Reinado da criança e sacralização dos animais e de tudo o resto. O que temos de ter conosco é um sentido de ordem não opressiva que impeça o caos e ondas de imaginação a saudar o que ainda não veio, com uma China cada vez mais para o concreto, um Brasil todo virado ao sonho, e, no meio, uma África que nos ensine a todos, já que índio enfraqueceu por tanto século de luta. E tôda a atenção a cada notícia de aurora, talvez alguma ainda apanhada por estas vossas Folhinhas.

Lua Nova (face virada ao Sol) dêste abril de 93.

Buda hostil a Luis de Camões!?

“Erros meus, má Fortuna, Amor ardente  
em minha perdição se conjuraram,  
os Erros e Fortuna sobejaram  
que para mim bastava Amor somente.”

“Se para ti bastava Amor somente  
amor em mim não chega para nada  
pois preciso inventar o que hei-de amar  
pensando que é a vida que o inventa  
já que juntos nós vamos percorrendo  
um tempo que também é irreal  
o não ser do que é tudo a mim me anima  
me recria no espaço que não há  
não haver nada é tudo por que anseio  
para me erguer não sendo e reteimar  
que verdadeiro amor é mesmo amar  
pois que nunca a ninguém apraz não ser.”

Pois resumo mais simples e com alguma pontuação, Amigo Buda:

Mesmo convictos de que não há nada,  
jamais se perca em nós o dom de amar.

Eis a vida perfeita: Amar Amor.

## CARTA VII

Queridos Amigos

Ouçam então, que a história é simples. Há uns quinhentos ou seiscentos anos fomos expulsos de Portugal, por desagradarmos a Reis mais interessados na Europa do que na Península e a Papas para os quais o que ia importar era o movimento das descobertas, que fomos expulsos e proibidos de voltar, dizia eu, todos os que éramos felizes com a idéia de que no futuro, o da Era do Espírito Santo, da plenitude de Deus, em sua fusão com o que criara, estaríamos em êxtase diante do Divino que em tudo de concreto íamos ver, sem que, no entanto, deixasse seu outro reino do abstracto. Todos os Meninos seriam então os primeiros dos homens verdadeiramente inspirados, dedicados ao mundo, como aquele que, na Trindade que Cabral levou ao Brasil, a de Belmonte, está no braço da Criatividade Suprema, dando de comer a pomba, isto é, ajudando à sacralização do Universo. A vida ficaria gratuita, com símbolo na comida gratuita do dia da Festa. Finalmente desapareceriam as prisões e estariam libertos seus presos e seus guardas. Só que aquela extraordinária linha de costa que definia Portugal, não uma simples praia para um mar, mas inteiro litoral para um interminável oceano, era o ponto donde partir à conquista do que não tomara no período clássico aquele Império Romano que teria, portanto, de abordar tôdas as terras. Navegação esta que foi proeza dos Portugueses, mas não a que teria sido mais importante, a daqueles que, como missionários, teriam implantado em todo o mundo o Reino do Espírito Santo.

Entretanto, guardados no Brasil para o futuro, tinham feito tôdas as tentativas para chegarem ao Pacífico, mas não como Magalhães, demasiado servidor da Europa. Até Pedro Teixeira o quis, mas já era tarde, com a força espanhola instalada nos planaltos. O tempo dessa navegação, última e perfeita, chegou agora e de alguma parte dela talvez nos traga informe alguma destas Folhinhas para que tendes paciência.

Lua Luar dum Maio do 93.

## POETAS DE FORA EM LINGUAGEM DE DENTRO

Alemanha

Heinrich Heine 1797-1856

Quando olho para os teus olhos  
dor e tristeza se vão  
e quando beijo teus lábios  
fico sempre mais que são.

Quando me encosto a teu peito  
entra em mim a luz do céu,  
mas quando dizes: “Eu te amo!”  
choro eu à larga e sem véu.

Nicolas Lenau 1802-1850

Passa a lua devagar  
por sobre as águas do lago  
ao verde canavial  
junta rosas luar mago

Erguem ao céu grandes olhos  
os veados na colina,  
às vezes um bater de asas  
às ternas canas inclina.

Meus olhos ficam chorando  
e bem dentro da minha alma  
o ter saudades de ti  
é prece na noite calma

Eduard Morike 1804-1875

Na verde terra de estio  
há juncos perto do rio.  
Que inocência de menino  
ao colo dela com tino,  
dela, a Virgem sua mãe,  
no carinho que o retém.  
Mas bem perto, em doce luz,  
já na árvore cresce a cruz.

## CARTA VIII

### Amigos

Estamos ainda bem longe, talvez a séculos, de que tal suceda, mas um dia se verificará que, depois de tanto tempo, de tanta geração de colonialismos, quer os de potências europeias, quer os de força islâmica, quer os de internacionais entidades americanas, foi a África restituída a si própria pela obstinada, calma, paciente e exigente influência do Brasil e da China, com alguma velha semente ibérica deixada num ponto ou noutro do Magrebe, sobretudo, diria eu, no Marrocos ou naquela embaixada que no Cairo pensava em expedições etíopes, e com o Brasil do lado de Angola, a meditar das varandas de São Tomé, no redesenho dos mapas latinos ou germânicos da distribuição pelos novos donos da infinda pluralidade étnica daquelas novas terras, e a China das bandas de Moçambique, aí com a tarefa algum tanto facilitada, ou guiada, pela tradição do acertado império do Monomotapa. E quando diremos que a África será reentregue a si mesma?

Quando se ouvir ou se souber de algum africano que propôs acrescentos a Einstein ou reprovou Kant na língua que em pequeno falava com sua mãe, sem ter feito o esforço antibiológico de ter de se exprimir noutra língua, de preferência numa do domínio indoheuropeu. E na dita língua materna ensinando ao resto do mundo muita coisa que ainda precisa de aprender, com ligação a um correcto comportamento social e solidário. E livre. Mas qual a atitude enquanto se espera? Pois a de achar que ainda se está distante e, ao mesmo tempo, que tudo já aconteceu. O trabalho vai ser o de, sem falta alguma, que ainda está distante o que já aconteceu. Juntar a face do adquirido com a face do ambicionado. Querem um exemplo? Pois lembro o que acontecia com os Portugueses que, desrespeitando Tordesilhas e a pontifícia autoridade, iam fazendo mapa falso sôbre mapa falso, sabendo que ainda tinham muito que andar, mas, simultâneamente que já descansavam à beira do Pacífico que sempre se lhes negou. Mas o Brasil lá chegará e com inteira obediência à lei com que tôdos os Povos estejam de acôrdo. Sabeis o resumo? Ser e não ser são a chave do ser.

Minguante de Maio. Maio de 93. Ou de qualquer ano em que a tal se volte.

## Página das Odes Breves

Ode Breve a Isabel  
a mulher de Dom Dinis  
que sendo serva de Deus  
fez na terra quanto quis  
trouxe logo de Aragão  
um saber italiano  
por ser Dom Pedro seu Pai  
da Calábria soberano  
aprendeu de Joaquim  
que Deus também tem idade  
doutros amigos que Assis  
exige fidelidade  
levou Afonso seu filho  
que era de má catadura  
a ter respeito a seu pai  
a dar-lhe a ela ternura  
quando via seu marido  
pela praia a meditar  
creio lhe inspirou Brasil  
e Timor além do mar  
e repartiu bem certinha  
esta Ibéria que era sua  
com minguentes e crescentes  
como ela via na lua  
morreu ela em santidade  
como irmã de Santa Clara  
não para lhe darem ordens  
mas para ter de nós todos  
uma obediência rara  
e penso de quando em quando  
que ela dá seu sermão  
mas com humor e carinho  
porque tão bem o conhece  
a este incerto Agostinho



## CARTA IX

### Companheiros e Amigos

A História de Portugal, inteligente, documentada, válida e duradoura, diz que a Nação nasceu por; se fixou por; se defendeu com pinheirais e castelos sempre por; navegou por; entristeceu e se alegrou por; finalmente acabou por. Aquela História de Portugal pela qual eu vou, História sentimental e fantasiosa, meio inventada talvez em muito ponto, garante-me logo de comêço que a Nação nasceu para, se definiu para; casou para; navegou para; desanimou para e reagiu para e acabará para. Eu me explico tanto quanto posso. Nasceu para ocupar a melhor das costas, dando naturalmente para o mar, mas sobretudo para o Oceano, que permite ia a todo o lado; para aprender a bolinar; para completar o Império Romano que soberanos e legiões tinham deixado só como esboço, com uns lambiscos de Europa e uns desembarcadouros de África e umas vagas idéas de Ásia; para universalizar Direito tirado pelos romanos da Filosofia grega, como engenharia baseada no Euclides; lógica de guerrear da de pensar.; para, depois de ouvir a Isabelinha de Aragão, projectar para o mundo inteiro o entender e adorar o Divino, de ser a criança o maior dos milagres, de não se ter de ganhar a vida, o que a amesquinha, e de não haver prisões, nem as de grades, nem sobretudo, porquanto piores, as que são de dúvidas. Têm razão os saábios, que tanto respeito, que Portugal foi por; mas insisto em pensar, sem autoridade alguma, que Portugal sempre foi, sempre é e sempre será para. Obrigando-nos a todos nós, a que sejamos para, servindo-nos para tal do que somos por. Vocês não acham?

### Quadrinhas de quando em quando

Mas esta vai hoje mesmo  
por ser aquela que fez  
São João à Lua Cheia  
do Junho do nove e três

“Que me baptize o Luar  
e faça de mim portento  
banhado sempre na Luz  
de que serei instrumento.”

## CARTA X

Meus caros

Como vos escrevo quando ainda decorre em Salvador da Bahia a Cimeira Ibero Americana, não quero deixar de vos dizer que sinto muita pena de que lá não se tenha proposto a criação de um Centro de Estudos Ibero Americanos, ou em Timor, o que seria melhor, ou em lugar apropriado das Filipinas, ou até, para sermos de todo ousados, na própria ilha da Páscoa, onde houve Indonésios, e já com especial interesse e colaboração do Chile. Mas um dia haverá.

Por agora, e pulando para os Atlânticos, o que vos participo é que não vejo grandes possibilidades de saírem depressa as Folhinhas de que se tomou compromisso, vosso e meu, para se expedirem por vossa conta. Como acima de tudo vos quero livres para todo o voo que vos apetecer ou a que sejais impelidos de dentro, peço que mo digam todos aqueles que desejam a devolução da ajuda gasta e que me autorizem a fazê-lo os que preferem que tudo seja depositado, para o que der e vier, no Fundo Dom Dinis que tem sua sede e base no Montepio Geral. Todos de acôrdo?

Crescente de Julho de 93.

China. Do "Livro do Tao". Sec. III a.C.

O homem ao nascer é brando e frágil,  
o torna a morte duro e rígido;  
nascem árvores, ervas, brandas, frágeis,  
rijas e sêcas as torna a morte.

O duro e rígido à morte levam,  
o brando flectir conduz à vida.

Talvez não vença o forte exército,  
mas flectirá a alta árvore.

Dureza e rigidez são inferiores,  
superiores o ser brando e flectir.

## CARTA XI

Um bilhete de vosso irmão servidor

Brasil e China se encontrarão na África, vindo um pelo lado do Atlântico de São Tomé, chegado a outra, depois de Índias e Índico, à ilha que foi outrora capital de Moçambique e será, daí por diante, capital de toda a vaga que se levante no Mar das Índias e de todas as terras que êle, como experiência ou sonho, de algum modo animar. Será, de ambos os povos que vêm, uma invasão de oferta, de solidariedade e de aprendizagem própria. Brasil trará às Áfricas do melhor que tiver aparecido na América ou na Europa, não daquilo que serviu no passado para abater e explorar. Também com o que vier do Oriente, com sua economia de produzir e distribuir com igualdade, tudo apurado ainda na travessia que teve de fazer da velha Rússia para chegar ao Atlântico Norte, erguerá a África ao universo uma face limpa e nova, com êste também iluminado naquela atmosfera de alma que virá de se terem fundido o Taoísmo de Lao-Tsu e o Franciscanismo do jovial criador de Assis. O mundo, discípulo de África, mestra do ser e do fazer, lhe será fiel e, num fim que se repetirá, a Transporta à criatividade pura, em que também cada um de nós mergulhará, ainda porventura com a perfeita paz de não termos consciência do que formos criando. E talvez, de quando em quando, outro irmão servidor vos diga que assim realizaram seu ideal, e para tudo o que vive, os portugueses de tempo antigo que só ansiavam pelo êxtase eterno perante o Divino, de existência a um tempo real e imaginária, com o triunfo de toda a Poesia que a criança é ao nascer e a liberdade que será para todos e o gratíssimo prazer de uma vida que não será paga, mas de força criada e de amor gozada.

### QUADRINHAS DE QUANDO EM QUANDO

Quadrinha à Trindade de Belmonte e Cabral

Criatividade pura  
sustenta o fruto no braço  
me ensina Êle o que será  
o mundo que ao todo enlaço.

## Comentários de história portuguesa

Pois venha Alcacer Quibir  
bastante à nossa maneira  
a nos firmar nesta terra  
o triunfo da bandeira

Com as armas conquistadas  
pelos mouros marroquinos  
foram abater-se impérios  
que deram servos ladinos

que chegaram ao Brasil  
onde índio não trabalhava  
deram dinheiro às Europas  
cuja sorte começava

na batalha prosseguida  
mataram pobre sultão  
que doutra forma traria  
por seus diferentes fados  
para invadir tôda a Ibéria  
os turcos seus aliados

também morreu nosso rei  
levando Filipe ousado  
a nunca ser rei do povo  
mas só parceiro de Estado

e foi por meio da derrota  
que se firmou a vitória  
que um dia a todos dará  
ser de eterno não de história.

## PÁGINA DAS ODES BREVES

### Ode Breve ao Einstein

Só Causa das causas sabe  
causa de causa sem causa  
e por isso a matemática  
em seu não ser se dá pausa.

Se não se conhece a máquina  
nem se lhe mexe em rodinha  
pois quem sabe se era dela  
fôrça que a máquina tinha.

Portanto digo com Gandhi  
quem decide que decida  
e nem vou tomar morfina  
que a dor faz parte da vida.

## CARTA XII

### Queridos Amigos

Parece que tôda a gente está de acôrdo em que o mundo inteiro se encontra em crise. Como isto me parece demasiado vasto para eu poder ser util, decidi que sou eu quem está em crise e talvez consiga sair dela com três princípios: O de me ver livre do supérfluo, o de não confundir o verbo amar com o verbo ter, o de prestar voto de obediência ao que for servir, não mandar. Nestes termos comunico a todos os Amigos que não imporei a ninguém a leitura de textos meus, a começar pelas Folhinhas, e que só responderei a quem me escreva, pedindo (para aumentar o supérfluo...) que cada carta venha com selinho de resposta, mas um apenas, para me não obrigar a escriturações administrativas. Para tudo o que fordes e fizeres rogarei perfeito empenho e boa sorte, bom vento de navegar.

Setembro de Lua Cheia e de 93. Agostinho

## POETAS DE FORA EM LINGUAGEM DE DENTRO

Catulo, latino, séc. I a.C.

Amigos, êste barco que ora vedes  
nos diz ter sido o mais veloz de todos;  
nenhum jamais o pôde ultrapassar,  
quer a remos viesse, quer à vela;  
não dirão o contrário êste Adriático,  
a nobre Rodes ou as ilhas Cíclades,  
a hórrida Propôntida ou o Pôntio,  
lá onde outrora foi só fronde em  
bosque.

Muitas vezes, no cume do Sitoro  
os seus ramos ao vento sibilaram,  
como tu sabes bem, Amastris Pôntica,  
e tu Citoro de abundante bucho.  
Esteve no teu cimo, em tuas águas

os remos mergulhou e trouxe o dono  
por violentas vagas, quer o vento  
o levasse de esquerda ou de direita,  
quer o sôpro de Júpiter teimasse  
sôbre uma ou outra escota, sem que  
nunca  
prece elevasse aos deuses litorais,  
desde que ele chegou de mar remoto  
às tão límpidas águas deste lago.  
Tudo isto foi, passou; repousa agora  
e velho vai ficando. Num refúgio,  
o mais calmo de todos, se consagra  
a Castor gémeo do seu próprio gémeo